

Quando os muros caem **O discurso identitário na obra *Teoria Geral do esquecimento*, de Agualusa**

Maria Laura Muller da Fonseca e Silva¹

RESUMO: Este artigo analisa o romance *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), de José Eduardo Agualusa, mobilizando conceitos da teoria Pós-Colonialista a fim de verificar duas hipóteses no enredo. A primeira é a construção de personagens em sensação permanente de luta política, ideológica ou social. A outra é a verificação das perspectivas do enredo que apontam para a relação com o outro a partir da superação de traumas e da amizade.

ABSTRACT: This article analyzes the *General Theory of Forgetting* (2012), a novel by José Eduardo Agualusa mobilizing concepts of postcolonial theory in order to verify two comparativists hypotheses in the plot. The first one is the construction of characters in a permanent sense of political, ideological and social struggle. The second one is the verification of the perspectives of the storyline that points to the relationship with others to overcoming traumas and friendship.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Crítica Pós-colonial; Discurso Identitário; Amizade; Humanidade.

KEYWORDS: African Literature; Postcolonial Criticism; Identitarian Speech; Friendship; Humanity.

Introdução

Neste artigo, o romance *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), do escritor angolano José Eduardo Agualusa, será o objeto de estudo a fim de investigar como a literatura pós-colonial, ao manipular a memória nacional em articulação com o universo ficcional, pode contribuir para as reflexões acerca das identidades nacionais de países que conquistaram a Independência na modernidade tardia.

Além disso, outro objetivo geral deste artigo será a verificação das possibilidades utópicas que a atual literatura angolana constrói ao promover a reflexão sobre identidades culturais, em “perspectiva transnacional” (FIGUEIREDO, 2012, p. 199), baseadas em categorias como raça, etnia e gênero. Ou seja, utopias voltadas para subjetividades que se encontram à margem, para sujeitos fragmentados por processos históricos que englobam as práticas coloniais, como exploração econômica e escravidão, e a guerra civil, que devastou o país. Antes de tudo, porém, é importante teorizar acerca das formulações pós-coloniais nas quais será situada a obra em questão.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisa: Alegorias do feminino na Literatura Africana de Língua Portuguesa. E-mail: lauraprof@hotmail.com

De acordo com Eloína Prati dos Santos, a partir dos anos 60 do século XX, o termo “post-colonial”, inicialmente utilizado por historiadores a fim de identificar o evento da independência de certos países, teve seu uso ampliado para discussões relacionadas aos reflexos do Imperialismo e da colonização na cultura dos países ora independentes, passando a designar “essas interações nas sociedades culturais e nos círculos literários.” (FIGUEIREDO, 2012, p. 341).

Sendo assim, pode-se perceber que a literatura chamada pós-colonial é repleta de textos que problematizam, dentre outras, situações históricas nas relações entre colônias e metrópoles. Também a obra *The empire writes back*, uma das pioneiras no fornecimento de informações relevantes acerca desta questão, explica que a literatura pós-colonial expressa “the tension with the imperial power and by emphasizing their differences from the assumptions of the imperial centre. It is this which makes them distinctively post-colonial” (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN, 2002, p. 2).

De igual modo, Homi Bhabha explica que a crítica pós-colonial testemunhou as forças desiguais de representação da cultura no que diz respeito à política e à sociedade no mundo moderno. Assim, ele afirma que as “perspectivas pós-coloniais emergem de testemunho colonial dos países de Terceiro Mundo e dos discursos ideológicos das ‘minorias’ dentro das divisões geopolíticas (...)” (BHABHA, 2003, p. 239).

Portanto, consideraremos também que a crítica pós-colonial passa pelo colonial e se estende aos contextos posteriores à independência, na maioria das vezes como forma de resistência às perspectivas do discurso dominante. Este posicionamento da literatura é especialmente importante por promover, inclusive, a “descolonização do conhecimento” (PRATT, 1999, p. 15), isto é, a transformação das consciências humanas, dos sistemas de significação e das hierarquias através de uma subversão que é possibilitada pela escrita criativa.

Entretanto, o pós-colonialismo relacionado às ex-colônias portuguesas requer uma discussão diferenciada na medida em que práticas de hibridiz entre colonizador e colonizado marcaram a colonização lusitana. Assim, a contribuição dos estudos literários para o pensamento crítico acerca das literaturas africanas emergentes deve se voltar para a fronteira, ou seja, “para a articulação entre o global e o local” (LEITE, 2003, p. 17).

Além disso, a permanente condição de crise e a necessidade de reconstruir a história do país e das etnias múltiplas que o compõem constituem o grande desafio da sociedade angolana e, pela interação direta com este contexto, torna-se o desafio do escritor angolano. De acordo com a professora Rita Chaves, “(...) num universo

estabilizado sob o signo permanente da crise, escrever, sabemos todos nós, tem significado, de várias e diversas formas, escrever Angola.” (LEÃO, 2003, p. 371).

Um olhar atento para a prosa literária angolana, especialmente aquela produzida no momento posterior à Independência, permitirá perceber a preocupação com a história nacional, ou seja, com a identidade nacional, e com a identidade cultural. Assim, os objetivos específicos deste artigo se organizam sob essas questões: o primeiro voltado para a identidade nacional; o segundo, para a identidade cultural.

Em relação à identidade nacional, que será abordada na parte denominada “Escrevendo Angola”, pretende-se verificar como a construção das personagens e de suas relações com o contexto de Independência e de guerra civil é arquitetada pela atitude permanente de luta. De acordo com Foucault, “(...) estamos em guerra uns contra ou outros; uma frente de batalha perpassa a sociedade inteira.” (FOUCAULT, 2005, p. 59). Se as sociedades têm, dentro de suas particularidades, pendências e disputas, também Angola as vivencia em suas especificidades históricas. Assim, nesta parte do artigo, levantar-se-á a hipótese de que, quando a guerra civil termina e as questões que motivavam os posicionamentos e os confrontos teoricamente se esvaziam, a literatura assume para si a responsabilidade de prosseguir combatendo, em atitude de resistência e subversão, a fim de contribuir para a construção da identidade nacional.

Em relação à identidade cultural, que é a reivindicação de “pertencimento a uma cultura comum” (FIGUEIREDO, 2012, p. 199), o objetivo específico, presente na parte denominada “Reverendo as fronteiras”, será analisar as identidades fragmentadas construídas pelo autor, quase todas beirando a invisibilidade, e, em uma perspectiva mais abrangente, verificar a hipótese de que as propostas do autor para a solução dos conflitos identitários e culturais que apresenta podem ser encontradas em perspectiva transnacional, ou seja, seriam caminhos sugeridos para toda a humanidade trilhar, extrapolando os limites territoriais de Angola, e até mesmo da África, e atingindo cada um de nós.

A literatura, como um artefato, uma representação imaginada, é capaz de se apropriar da matéria social, do passado e do presente e ressignificá-los também em busca de autossignificação. Ou seja, manipulando a memória nacional e os estratos culturais, o autor não só ressignifica a história e as lutas de indivíduos em situações diversas de deslocamento, exílio, confronto com o outro e fronteiras identitárias, mas também busca, no trato ficcional, um espaço no qual o “subalterno” possa falar e ser ouvido.

Escrevendo Angola

Se, dormindo, sonhamos dormir, podemos, despertados, acordar dentro de uma realidade mais lúcida?

José Eduardo Agualusa

Antes mesmo de Portugal reconhecer a Independência política de Angola, movimentos de libertação pululavam no país, sem, contudo, conseguir unificar os discursos, ainda fragmentados pela colonização portuguesa, causadora de profundas alterações nas estruturas sociais e políticas da ex-colônia. Como metrópole, Portugal promoveu o confisco de terras, o trabalho forçado e políticas de aculturação - em meio a um mosaico heterogêneo de povos e de grupos etnoculturais, dificultando o processo de Independência, que era articulado, a partir de 1960, entre os três maiores grupos nacionalistas do país, MPLA, UNITA e FNLA, opositores, em luta armada, ao colonialismo português. A unificação pós-Independência, por sua vez, foi marcada por conflitos e disputas que conduziram à Guerra Civil Angolana, uma vez que a FNLA e, sobretudo, a UNITA não se conformaram com a sua derrota militar e consequente exclusão do sistema político, liderado pela MPLA.

É justamente este o contexto inicial da obra em questão. Os primeiros capítulos do romance apresentam o clima de libertação nacional e o início dos conflitos civis a partir da ótica da protagonista. Portuguesa, Ludo vive em Luanda com a irmã, Odete, e com o cunhado, Orlando, um angolano do Catete. Este ambiente familiar, composto por um africano e duas europeias, permite a leitura de diferentes percepções acerca dos eventos históricos e políticos apresentados.

As portuguesas, mesmo estando em território angolano, sentem-se superiores aos africanos e, por meio de falaciosos discursos, manifestam preconceito e rejeição à libertação da ex-colônia. Por exemplo, ao se referir ao primo do marido, Odete não o considera um igual; para ela um negro será sempre o “outro”. Assim, caracteriza-o com desdém: “Fala como um preto. Além disso, fede a catanga. Sempre que vem aqui empesta a casa inteira.” (AGUALUSA, 2012, p. 15). De certo modo, o autor sugere que a civilização europeia é responsável pelo racismo colonial. Assim, para ela, qualquer negro que defendesse a Independência não passava de um terrorista, de acordo com o ponto de vista da metrópole que ela representa.

Ludo, a personagem principal, sente medo daquele povo, da grandeza daquele território e chega a dizer para a irmã: “o céu da África é muito maior do que o nosso. Esmaga-nos.” (AGUALUSA, 2012, p. 14), comparando o território africano com o português em relação à vastidão territorial do primeiro e também à sensação que Angola

lhe transmite de pouco domínio humano sobre a natureza. Nos dias agitados que antecederam a Independência, em atitude de contrariedade, Ludo fechava as janelas para não ouvir manifestações, greves, comícios, fogos e bandeiras que comemoravam o fim de 500 anos de colonização.

A colonização de Angola, iniciada quando os portugueses se instalaram na região no século XVI, explorou recursos naturais e, principalmente, a escravidão. Assim, a região se tornou a principal fornecedora de escravos para os latifúndios de cana do Brasil. No século XIX, após a Conferência de Berlim - proposta por Portugal -, a ocupação da África por países europeus resultou em divisões que não respeitaram nem a história nem as relações étnicas do continente africano, ou seja, a divisão fortalecia a ocupação. Diante das ameaças de perda do território africano para outras potências europeias, a metrópole portuguesa expandiu seu domínio para o interior de Angola, favorecendo-se da diversidade linguística e étnica.

Após a instalação da República em Portugal, foram criadas escolas e a economia local se desenvolveu de forma sistemática. No século XX, estimulado pelo Estado, houve também um fluxo migratório de portugueses para as colônias, especialmente Angola, fortalecendo a elite branca local.

Um sonho de Ludo, ainda no início do romance, remete a essa situação: por baixo dos respeitáveis casarões da elite branca de Angola, local onde ela vivia, havia túneis que escondiam moradores do subterrâneo, “mergulhadas na lama e na escuridão, alimentando-se do que a burguesia colonial lançava para os esgotos” (AGUALUSA, 2012, p. 17). Um dos homens que vivia ali, no sonho, colocou seu rosto sujo junto ao da portuguesa e disse: “O nosso céu é o vosso chão” (AGUALUSA, 2012, p. 17). De certo modo, o sonho revela que ela tinha a percepção da desigualdade social gerada pelo sistema colonial que insistia em defender e que aquele céu tão amplo, que lhe causava medo, fora pisado pela colonização; dele Portugal fazia seu chão.

As irmãs portuguesas representam bem a análise de Mary Louise Pratt, para quem “(...) a descolonização política não produz automaticamente (...) a ‘descolonização da mente’”. (PRATT, 1999, p. 16). Sendo assim, pode-se verificar que, de acordo com o romance, as mudanças políticas não alteram automaticamente as subjetividades e as consciências dos colonizadores, mantendo a ideologia colonial presente em muitos aspectos, mas principalmente na rejeição ao homem negro, no sentimento de superioridade eurocêntrico e na recusa à libertação da ex-colônia.

Já Orlando, marido de Odete, era angolano, engenheiro de mina bem-sucedido, casado com uma europeia e assimilado culturalmente. Porém, há também aqui um alto

preço a ser pago, pois há um processo de aculturação nesse relacionamento, já que ele fora “educado e trazido para a civilização.” (SAID, 2003, p. 112). A assimilação era, sob essa ótica, uma entrada problemática e forçada de um negro na cultura lusitana e, por extensão, no mundo branco europeu.

Entretanto, percebe-se, nos posicionamentos da personagem, grande conflito. Ele temia a nacionalização proposta por grupos que são apresentados no romance como “comunistas extremistas”, a expropriação de terras e a expulsão dos brancos, fato que o atingia diretamente por ser casado com uma portuguesa. Além disso, incomodava-o ter que se desfazer dos bens que adquirira e de outros que herdara de amigos que fugiam de Angola. Por outro lado, entendia que todos os movimentos de libertação de Angola lutavam legitimamente pela liberdade e pela justiça social, ou seja, nem todos os seus valores identitários culturais e políticos tinham sido substituídos. De acordo com Rita Chaves, a “incorporação de costumes, contudo, não implicaria uma completa substituição de valores, facultando, ao contrário, a coexistência de referências tributárias de universos culturais distintos.” (LEÃO, 2003, p. 376). Parece ser esse o dilema de Orlando: vivendo entre duas culturas, coexistem referenciais distintos em seus posicionamentos.

Dividido entre sua cultura de origem, a quem se sente ligado afetivamente, e a europeia, que o formou intelectualmente, Orlando declarava que poderia “enumerar durante horas os crimes cometidos contra os africanos, os erros, as injustiças, os despudores.” (AGUALUSA, 2012, p. 119), mas decidiu, dois dias antes da Independência, fugir para Lisboa. Essa fuga, entretanto, não chegou a ocorrer, porque, na noite anterior, Orlando e Odete desapareceram e Ludo, enclausurada no apartamento, assistiu sozinha à chegada da guerra civil: “Então vi passar uma carrinha de caixa aberta carregando cadáveres.” (AGUALUSA, 2012, p. 52).

Quando o MPLA assinou a Independência, em 1975, Angola entrou em guerra civil e, além dos confrontos internos, muitos interesses externos, não mais do colonialismo português, passam a participar dessa disputa. Esses conflitos posteriores à Independência foram vivenciados de modo intenso pelas personagens do romance, que representam simbolicamente as forças políticas conflituosas e dominantes que permaneciam latentes e violentas em todas as esferas sociais de Angola.

A perseguição a todos os portugueses nos primeiros meses de 1975 é representada no romance pela fuga destes para a Europa e, por exemplo, pela fala de Monte, um líder comunista fanático que, no livro, encarna os abusos da polícia política marxista angolana: “Também é verdade que dois brancos saírem para a rua, nestes dias

agitados, calçando botas da tropa portuguesa, me parece excessiva audácia” (AGUALUSA, 2012, p. 29).

De acordo com Frantz Fanon, “desmantelar o mundo colonial não significa que, depois da abolição das fronteiras, serão construídas vias de passagem entre as duas zonas.” (FANON, 2012, p. 57). O pensamento de Fanon, teórico da independência da Argélia, por tratar da descolonização, pode ser utilizado para a compreensão do contexto do romance, pois, no enredo, reações antilusitanistas violentas, como as de Monte, eram comuns e se justificavam, no viés da narração, pela necessidade primeira dos líderes do movimento de libertação de desmanchar o mundo colonial em um contexto pós-Independência. Naquele momento, para muitos, não havia possibilidade de conciliação entre angolanos e portugueses.

Outra personagem que merece destaque é Jeremias, um mercenário que lutava contra o marxismo soviético, a favor da manutenção do colonialismo. Mesmo após a Independência, por razões ideológicas, ele permaneceu em Angola: “Eu fiquei em Angola por convicções. Combato pela civilização ocidental, contra o imperialismo soviético. Combato pela sobrevivência de Portugal.” (AGUALUSA, 2012, p. 29). Excluindo-se o fato de ele ser mercenário, sua opinião é muito próxima daquela apresentada pelas portuguesas Odete e Ludo, ou seja, a possibilidade de permanência dos sistemas político-sociais colonialistas.

Para Jeremias, o auxílio de Cuba ao MPLA era um grande perigo e escondia interesses financeiros. Para Monte, porém, o auxílio era um esforço em prol da justiça social: “Os companheiros cubanos não vieram até Angola por dinheiro. Vieram por convicções.” (AGUALUSA, 2012, p. 29). Monte buscava, através do socialismo, reconstruir a pátria, ainda que para isso fosse necessário usar a violência contra aqueles que defendiam o capitalismo, como ele fez algumas vezes. Ao longo dos quatorze anos de guerra civil, quando o grupo de vanguarda do tipo leninista impôs seu domínio na sociedade angolana, Monte perseguiu e prendeu muitas pessoas:

“(…) não gostava de interrogatórios. Ainda hoje se esquivava de falar sobre o assunto. Evita, inclusive, recordar os anos setenta, quando, para preservar a revolução socialista, se permitiram, utilizando um eufemismo grato aos agentes da polícia política, certos excessos. Confessou a amigos ter aprendido bastante acerca da natureza humana enquanto interrogava fracionistas e jovens ligados à extrema esquerda, nos anos terríveis que se seguiram à Independência” (AGUALUSA, 2012, p. 53)

As personagens do enredo encenam a luta por princípios políticos e ideológicos que compunham o cenário da guerra civil: os que desejavam implantar o socialismo, os jovens de extrema esquerda e outros, que tinham afinidade com o capitalismo. Presos políticos e os elementos perseguidos pelo governo socialista presentes no romance, como Monte, eram grupos diversificados, que iam de mercenários a intelectuais, em disputa política, fazendo referência indireta à UNITA (dissidente da FNLA), apoiada pelos Estados Unidos e pela África do Sul, e ao MPLA, apoiada pela União Soviética e seus aliados. Segundo o romance de Agualusa, a cadeia angolana nos anos 70 era um mosaico de lutas ideológicas:

Mercenários americanos, ingleses, capturados em combate, conviviam com exilados do ANC caídos em desgraça. Jovens intelectuais de extrema esquerda trocavam ideais com velhos salazaristas portugueses. Havia sujeitos presos por tráfico de diamantes e outros por não terem perfilado durante o içar da bandeira.” (AGUALUSA, 2012, p. 144)

Esse painel tão diverso de presos políticos sugere a eclosão de grupos que se rivalizavam. Já não se trata do branco segregando o negro, como faziam Ludo e Odete, mas de angolanos segregando uns aos outros, estimulados por forças externas que se inseriam nas disputas internas e buscavam ampliar um domínio sobre o país e suas reservas de petróleo e diamante. No romance de Agualusa, esse panorama evidencia a falência do projeto nacional pós-colonial nas diferenças estabelecidas pelos próprios angolanos.

Como se vê, a independência de Portugal, pelo menos neste enredo, não parece ter resolvido os dilemas econômicos do país. Ciente disso, Agualusa coloca em cena os conflitos da contemporânea sociedade angolana na medida em que percebe os destroços deixados pela guerra, o desencanto com a utopia do projeto nacional pós-colonial, o desajuste com o progresso, uma identidade nacional ainda a ser construída e dilemas outros, certamente motivados pela experiência traumática da colonização e que são obstáculos ao tempo presente.

Com o fim da guerra civil, ironicamente, o autor vai esboçando a vitória, não de um grupo ou de outro, mas do capital estrangeiro, do capitalismo, dessa força ideológica, à qual se renderam até mesmo os grandes líderes socialistas de outrora:

O sistema socialista foi desmantelado pelas mesmas pessoas que o haviam erguido e o capitalismo ressurgiu das cinzas, mais feroz do que nunca. Sujeitos que, havia poucos meses, bramiam (...) contra a democracia burguesa, passeavam-se agora muito bem vestidos, com

roupas de marca dentro de veículos refulgentes” (AGUALUSA, 2012, p. 71)

Grupos separatistas que lutaram contra o domínio colonial português, mesmo depois da Independência, não conseguiram unificar o discurso, como já foi dito, e acabaram criando novas segregações. Todavia, na conclusão do livro, não parece ser esse o maior dilema de Angola no século XXI. Após a abertura ao capitalismo estrangeiro nova luta parece emergir da necessidade de que as riquezas do país beneficiem os próprios angolanos, não os interesses externos: “A guerra terminara. Nos hotéis de Luanda acotovelavam-se empresários vindos de Portugal, Brasil, África do Sul, Israel, China, todos à procura de dinheiro rápido num país em frenética reconstrução” (AGUALUSA, 2012, p. 113).

O romance termina com a relativização de todos os confrontos ideológicos e políticos que foram apresentados. A princípio, com o fim da guerra civil e a abertura do país a negociações com grupos financeiros, não parece mais haver motivo para lutar. Entretanto, trata-se de um discurso falacioso de líderes socialistas, que defendem a união nacional promovida pela entrada do capital estrangeiro, utilizando o “poder da manipulação das imagens e tradições” (SAID, 2011, p. 53) para serem os primeiros a se beneficiar das possibilidades trazidas pela abertura à economia de mercado, em detrimento da população pobre e até mesmo dos grupos que apoiaram a revolução.

De acordo com Edward Said, “Nos Estados nacionais pós-coloniais (...) manipuladores nativos as utilizam (as manipulações) para encobrir faltas, corrupções, tiranias contemporâneas (...)” (SAID, 2011, p. 53). Ciente disso, a literatura em questão, ao denunciar as irônicas relações desiguais que se agravam no momento de pacificação de Angola, assume para si a responsabilidade de permanecer em constante confronto, em atitude de resistência e subversão, como forma de contribuir para a verdadeira transformação de seu país.

Reverendo as fronteiras

Lembro-me que fui uma aranha avançando contra a presa e a mosca presa na teia dessa aranha.

Ludo

Se as questões de identidade nacional estão ainda em processo, a construção da identidade cultural de sujeitos que, no momento contemporâneo, vivem em contextos de

descolonização tardia, certamente expressará a sensação de descentramento, de fragmentação.

O enredo de *Teoria Geral do Esquecimento* apresenta personagens em crise, em busca de autoconhecimento. Ludo, Jeremias, Pequeno Soba e Sabalu são as criações ficcionais de Agualusa que permitem a verificação de um dos objetivos específicos deste artigo: personagens arquitetados pela sensação permanente de crise, de confronto, de fronteira e que buscam, por essas questões, possibilidades concretas e humanas de sobrevivência. Compreender tais personagens é também entender o mundo atual. Assim, cabe analisá-las de modo mais detalhado, a começar por Ludovica ou Ludo, a protagonista.

Portuguesa, mas vivendo em Luanda com a irmã Odete e o cunhado Orlando, habitava o “prédio dos invejados” e desfrutava de certo *status*. Quando teve início a guerra civil, o casal desapareceu. Em verdade, Odete e Orlando haviam sido assassinados pelo mercenário Jeremias, que queria os diamantes guardados pelo engenheiro Orlando. Ludo só descobriria o destino dos familiares vinte e oito anos depois e permaneceria muito tempo sem respostas e sozinha.

Sua solidão absoluta dá início ao conflito principal do romance, agravado pelo fato de que, desde nova, ela já temia as pessoas e vivia isolada; agora, estava longe de sua pátria europeia, estava em Angola, em um território caótico devido à guerra civil, no qual não conhecia ninguém. Em seu diário, ela escreveu:

“Sinto medo do que está para além das janelas (...) Sou estrangeira a tudo. Não compreendo as línguas que me chegam lá de fora, que o rádio traz para dentro de casa, não compreendo o que dizem, nem sequer quando parecem falar português, porque esse português que falam não é o meu” (AGUALUSA, 2012, p. 31)

Ludo está exilada. Qualquer que seja a motivação, todo ato de se deslocar gera um processo de desenraizamento no indivíduo migrante, uma vez que abandonar a origem rearticula as concepções de tradição e de geografia e deixa lacunas no ser, formando a teia cultural de nosso tempo.

É importante ressaltar que as lacunas deixadas em Ludo não têm sua origem na própria condição do exílio, mas são agravadas por ele. Abandonar a pátria de origem e estar sozinha em outra geografia e tradição são atos que jamais ficam impunes, de modo que a consciência de ter pertencido a uma nação não pode ser de todo eliminada, nem totalmente substituída pelo lugar do exílio. Afinal, pertencer a uma nação é estar participando de um grupo que corresponde a afinidades culturais, geográficas ou

linguísticas. Porém, em Ludo, tudo parece ser agravado e o deslocamento imputa-lhe uma sensação de descaminho e desorientação, muito em função de sua própria história, daí sua inadaptação e sensação de ser estrangeira a tudo.

Seu drama vai aos poucos se intensificando quando ela passa a receber telefonemas ameaçadores de Jeremias, exigindo a entrega dos diamantes de Orlando. Percebendo que o prédio fora invadido e que entrariam em seu apartamento, em autodefesa, Ludo atira e mata o desconhecido que vinha assaltá-la. Assustada, fragilizada e insegura, decide exilar-se definitivamente do mundo: constrói um muro no corredor, em frente à porta de seu apartamento, obstruindo qualquer acesso à sua residência, ou seja, fecha definitivamente suas fronteiras, tendo acesso ao mundo exterior apenas por seu terraço.

Enclausurada por vinte e oito anos, a portuguesa foi também gradativamente perdendo a identificação com a pátria e com a Europa: “Pensou em Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum. (...) Ninguém a esperava” (AGUALUSA, 2012, p. 63). Ela também foi deixando de lado suas crenças em Deus e nos homens e, por extensão, foi deixando de se sentir humana. Simplesmente permaneceu naquela prisão feita por ela mesma, caçando pombos no terraço do apartamento para não morrer de fome, bebendo água da chuva, utilizando a luz do sol para ler e escrever. A solidão aos poucos a desumanizava.

Sem comunicação com outra pessoa, a princípio, a portuguesa escrevia suas reflexões em diários. “A humanidade nunca funcionou muito bem” (AGUALUSA, 2012, p. 39) foi o que ela escreveu ainda nos primeiros anos de reclusão. Nessa época, sua única companhia era o cachorro Fantasma: “Estou mais próxima do meu cão do que das pessoas lá fora (AGUALUSA, 2012, p. 31) e outros fantasmas que a atormentavam por meio de lembranças e medos.

Naquele momento, após tantos anos de exílio, quem sabia de sua existência? Solitária e longe de todos, ela tenta conservar alguma humanidade, mantendo viva a linguagem. As paredes do apartamento se transformam, então, em seu grande livro. Quando Ludo passa a escrever suas sensações, o que parecia, a princípio, simplesmente uma mulher com medo do outro, enclausurada por desejo próprio, ganha novos contornos, ou seja, a linguagem passa a ser sua catarse, seu exorcismo e até mesmo seu suicídio: “lavro versos/curtos/como orações/palavras são legiões/de demônios/expulsos/corto advérbios/pronomes/poupo os pulsos.” (AGUALUSA, 2012, p. 93).

Erguida a primeiro plano, a linguagem revela o vazio deixado pela ausência de interação com outro ser humano, mas também um recalque, uma tentativa de esquecimento que, porém, a leva à repetição através da escrita. De acordo com Maria Rita Kehl, “(...) o que se obtém a partir do recalque não é o esquecimento, é a repetição. O recalcado é o passado que nunca se apaga e retorna nas formações de linguagem (...), nas fantasmagorias, no sintoma.” (KEHL, 2012, p. 309). Porém, o que Ludo recalrava tentando esquecer, mas mantendo vivo por meio das repetições da escrita?

Somente nos capítulos finais o leitor conhece a razão das atitudes de Ludo: ela fora violentada sexualmente na infância e engravidara em virtude disso. Espancada pelo pai e obrigada por ele a se isolar de todos, teve a criança retirada de seu convívio após o parto, sem que nem ao menos pudesse ver seu rosto: “A vergonha é que me impedia de sair de casa. O meu pai morreu sem nunca mais me dirigir a palavra (...) Pouco a pouco fui-me esquecendo. Todos os dias pensava na minha filha. Todos os dias me exercitava para não pensar nela” (AGUALUSA, 2012, p. 167). Sua vergonha foi paulatinamente se transformando em medo do outro, em fechamento de fronteiras, em clausura, em ostracismo, em permanente dor.

Entretanto, aos poucos, histórias paralelas vão se cruzando à clausura de Ludo e, sem que ela perceba, em torno dela uma rede de vidas é costurada pelo acaso, mudando destinos e alterando fronteiras, inclusive as suas, representadas pela porta lacrada.

O mercenário Jeremias, por exemplo, sobrevivendo a uma tentativa de assassinato, é resgatado e levado para a “tribo kuvale” a fim de aguardar um momento certo, cruzar a fronteira territorial e sair de Angola, algo que jamais ocorreu. Jeremias, de fato, ficou preso naquele lugar, sem conseguir suplantá-lo. Neste aspecto, as situações de Ludo e a de Jeremias tornam-se muito próximas: ambos estão na fronteira do não pertencer e não conseguem ultrapassar essa condição.

Entretanto, em contato com a “tribo kuvale”, o antigo mercenário consegue encontrar um caminho que antes lhe era intransponível e reconstruir sua identidade outrora fragmentada pela guerra civil: “Isolado entre os mucubais, Jeremias renascera não outra pessoa, mas outras pessoas, um povo. Antes, ele era ele no meio dos outros (...) No deserto, sentia-se, pela primeira vez, parte de um todo.” (AGUALUSA, 2012, p. 163).

Ali, o ex-mercenário experimenta a hospitalidade incondicional e a sensação de pertencimento que lhe eram desconhecidas. De acordo com as concepções de Derrida *apud* Bernardo, a hospitalidade incondicional consiste em “acolher outrem antes de lhe colocar qualquer condição, antes mesmo de lhe perguntar o nome ou o número do

bilhete de identidade.” (BERNARDO, 2002, p. 422). Assim, acolhendo o singular, a tribo kuvale funciona figuradamente como uma “cidade-refúgio” (BERNARDO, 2002, p. 431).

Outra personagem que teve sua vida alterada devido a ações não intencionais de Ludo é o Pequeno Soba. Vítima dos excessos dos agentes da polícia durante a guerra civil, Soba foi preso repetidas vezes pelos militares, principalmente por Monte. Para desaparecer, Soba optou pela invisibilidade social ao assumir uma semidemência, andando pelas ruas de Luanda como um mendigo. Sua escolha metaforiza a própria condição da sociedade angolana em guerra civil, pois, de acordo com Rita Chaves, “são as contradições da guerra colonial a maximizar a complexidade de uma sociedade que vive a experiência de sua própria invisibilidade” (LEÃO, 2003, p. 394). Na sociedade instável por causa dos combates o “intercâmbio de experiências ficou inviável” (LEÃO, 2003, p. 394), restando a Soba abandonar a razão.

Porém, como Ludo, mesmo fechada naquele apartamento, alterou a vida deste homem? Caçando pombos no terraço do apartamento para se alimentar, ela capturou um pombo correio que trazia como mensagem um encontro amoroso. Inspirada por aquele encontro, Ludo não só preserva a vida do pombo como também o faz engolir um grande diamante, supondo que mudaria a vida dos dois amantes que encontrariam o animal. O pombo, porém, é capturado por Soba que o captura para dele se alimentar e é ele quem encontra os diamantes. Quando a guerra acabou e Angola se abriu ao capital estrangeiro, ele usou a pedra para se estabelecer socialmente, investindo em imóveis e tornando-se bem-sucedido empresário. Assim, foi o capital que tirou Soba da invisibilidade social. (Teria o mesmo ocorrido com Angola após a guerra civil e a abertura ao capitalismo internacional?)

Sabalu, a última personagem analisada neste artigo, é justamente quem retira Ludo de seu isolamento. Chegando ao limite de suas forças, Ludo, já enfraquecida, cai e fratura a perna. Como não tinha a quem recorrer, supõe ser esse o seu fim. Entretanto, Sabalu, um menino negro e pobre que, por ser órfão, era explorado e obrigado por outros a roubar, aproveitando-se de um acesso criado por um prédio em construção ao lado da moradia de Ludo, invadiu seu apartamento, entrando pelo terraço em busca de objetos para vender, e acabou socorrendo Ludo. Para ela, ele era um “extraterrestre revelando-lhe os mistérios de um planeta remoto” (AGUALUSA, 2012, p. 104); para ele, Ludo era uma senhora que precisava de ajuda: “Não tenha medo, avó. Eu te protejo” (AGUALUSA, 2012, p. 104).

Ao abraçá-la, Sabalu rompeu o muro do qual ela se cercava e trouxe Ludo novamente à vida, fazendo-a perceber que “(...) existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou *locus*.” (BHABHA, 2003, p. 75). Ou seja, a formação da identidade é um processo público que só acontece no mundo compartilhado com outros indivíduos. Entre eles nasce uma amizade em meio aos tempos sombrios, no sentido arendtiano, “um apego a outros seres humanos, que brota do ódio ao mundo, onde os homens são tratados ‘inumanamente’” (ARENDDT, 1987, p. 21). Ela encontra um filho; ele encontra uma mãe.

De acordo com Maria Rita Kehl, a superação de um trauma requer a ação de um terceiro que rompa com o “aprisionamento repetitivo” (KEHL, 2012, p. 312). Esta é a importância de Sabalu e, de modo mais abrangente, este é o resultado do contato com o outro, que é realizado efetivamente quando Sabalu quebra o muro material que tornava invisível aquela morada, possibilitando, no desfecho do romance, também o encontro de Ludo com as demais personagens.

O desfecho sugere que “fugir na interioridade à procura de (...) segurança é um caminho sem saída que conduz à autodestruição. O exterior, o de-fora, constitui uma dimensão construtiva da existência.” (ORTEGA, 2009, p. 110). Nesse sentido, falar de amizade é falar de pluralidade, desterritorialização e liberdade, é experimentar novas formas de vida e de relacionamento que são disponíveis, mesmo em épocas de fragmentação

Considerações finais

Em uma sociedade como a que é apresentada em *Teoria Geral do Esquecimento*, marcada por guerras e conflitos, há o comprometimento do intercâmbio de culturas e experiências, ou seja, a relação com o outro sofre fraturas. Abordando guerras políticas concomitantemente com lutas individuais e subjetivas, Agualusa encontra uma proposta para os povos e os indivíduos, alcançando dimensão transnacional.

Assim, na obra literária em que este artigo se baseou, a ação está subordinada a uma razão maior: afirmando-se como intelectual de seu tempo, como uma voz dissonante e lúcida, Agualusa procura se valer do gênero romance a fim de exprimir uma aguda noção de historicidade, mas também faz uma intervenção crítica na realidade que sugere a efetivação de uma saída para sociedades enclausuradas em seus muros ressentimento que são consequência de anos de conflitos.

Nos capítulos finais, Ludo, que retoma o contato com o mundo através do contato com o outro, ou seja, Sabalu, lamentavelmente, perde a visão. Porém, mesmo

sem enxergar, ela se sente integrada ao mundo. Em relação a isso, em monólogo interior, afirma para si mesma: “Cega vejo melhor do que tu. Choro pela tua cegueira, pela tua infinita estupidez. Teria sido tão fácil abrires a porta, tão fácil saíres para a rua e abraçares a vida.” (AGUALUSA, 2012, p. 169). Tal reflexão sugere que a verdadeira cegueira seria não a perda da visão em compreensão literal, mas, figuradamente, a incapacidade de lidar com a alteridade, de enxergar o outro. Completando tal raciocínio, Ludo pergunta ainda a si mesma: “Mas não é idêntica a ti a infeliz humanidade?” (AGUALUSA, 2012, p. 170).

Esta pergunta retórica, que fecha o romance, sugere uma alegoria. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, no prefácio do livro *A origem do drama barroco alemão*, de Walter Benjamin, a alegoria ocorre quando, pelo uso de uma linguagem comum, há uma “figuração contínua”. (BENJAMIN, 1984, p. 37). Em outras palavras, é uma representação figurativa que transmite outros significados além do literal. Nesse sentido, Ludo pode ser interpretada como uma alegoria da própria humanidade, que insiste em construir muros em lugar de pontes. Extrapolando a abordagem ficcional voltada para a história recente de Angola, Agualusa não só dialoga com a história recente de seu país como também alcança dimensão transcultural na medida em que os dilemas das personagens alcançam grande universalidade.

Assim, uma possível saída para Angola pós-colonial é também um caminho para a humanidade: a abertura para a alteridade. Quando o novelo da história é desfeito, percebe-se que a representação é, de fato, um ponto de partida para a elaboração de um por vir, de uma utopia possível que se construirá através da amizade entre os homens. Tal utopia, que é proposta na conclusão do romance, pode não se realizar diante de nossos olhos, mas, por ser literária, é atemporal, e, sendo lida pelas gerações futuras, ecoará na eternidade.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ASHCROFF, Bill e GRIFFITHS, Gareth. *The Empire Writes Back*. New York: Taylor and Francis Group, 2002.
- AGUALUSA, José Eduardo. *Teoria Geral do Esquecimento*. Rio de Janeiro: Foz, 2012
- BENJAMIN, Walter. *A origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

- BERNARDO, Fernanda. “A ética da hospitalidade, segundo J. Derrida ou o porvir do cosmopolitismo por vir” In *Revista filosófica de Coimbra*, Coimbra, n 22, p. 421-446. 2002.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de Literatura e Cultura*. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005
- KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- LEÃO, Angela Vaz. *Contatos e ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003
- LEIT, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Maputo: Imprensa Universitária, 2003.
- ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida e Foucault*. Rio de Janeiro: Sinergia: Relume Dumará, 2009.
- PRATT, Mary Louise. “Prefácio à edição brasileira”, “Prefácio e Introdução: crítica na zona de contato”. In: *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e Interidentidade*. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.